

INTERAÇÕES 2018

PEDAGÓGICAS

Time de ALFABETIZADORES

UNIDADE 1 – 02/02/2018

ACOLHENDO AS DIVERSIDADES

Projeto Especial Relações Étnico-Raciais na Escola¹

Primeiro dia de aula: meninas e meninos entram correndo pela escola em busca de suas salas de aula para encontrar sua nova professora ou novo professor. Cada um desses estudantes traz uma história de vida, uma realidade com diversas tradições, costumes e valores. Os olhinhos curiosos das crianças, as palavras ditas, os choros, os corpos pulantes e suas cores, de maioria pretas e pardas, passeiam pelos corredores, refeitório, pátio escolar, como se quisessem abarcar o mundo. E querem que o mundo os abarque também. Como acolher esse universo tão diverso? Como ambientar a diversidade e a pluralidade na escola?

O efetivo acolhimento dos estudantes no início do ano letivo implica a valorização da vontade de saber naturalmente apresentada por eles. Conforme apontam diversos autores, cada um ao seu modo, tais como, Vygotsky (1996; 1998), Winnicott (1975) e Freud (1905/1996), a curiosidade é inerente ao desenvolvimento infantil, haja vista os infinitos “porquês” tão característicos dessa fase da vida.

De acordo com a teoria freudiana, a curiosidade infantil está diretamente relacionada à “pulsão de saber”, visa solucionar problemas e enigmas de ordem prática com os quais a criança se depara no seu dia a dia, sendo o primeiro deles, como surgem os bebês. As investigações e curiosidades das crianças possuem um papel fundamental no seu desenvolvimento psíquico (Freud, 1905/1994).

Nesse sentido, a escola como um TODO - desde as pessoas que lá trabalham (professores, professoras, equipe gestora, merendeiras etc.) até a sua arquitetura e decoração, inclusive suas paredes com seus cartazes - precisa reconhecer a vontade de saber infantil. Esse reconhecimento passa necessariamente pela valorização da realidade e das diversidades vividas pelos educandos. Diversidade aqui compreendida como pluralidade, variedade, multiplicidade, diferença.

¹ Projeto do Núcleo Interdisciplinar de Apoio às Escolas (Niap), iniciado em 2016 com o objetivo de favorecer ações contra o preconceito e a discriminação racial, através da valorização da história e cultura afro-brasileiras, bem como da construção da identidade das pessoas negras, nas escolas municipais do Rio de Janeiro.

UNIDADE 1 – 02/02/2018

“O meu fazer considera ou negligencia as diversidades dos educandos?” Nos anos iniciais de escolarização e nos primeiros dias de aula, essa pergunta é ainda mais importante. Afinal, toda experiência nova tende a despertar doses de angústia e ansiedade, não somente nas crianças, mas em TODOS nós. O estudante que brevemente será recebido pela escola pode nunca ter frequentado uma anteriormente e, mesmo que já tenha estudado, provavelmente também estará inseguro e ansioso pressentindo as novidades.

Cabe destacar que, em geral, a escola é o local onde nos deparamos de forma mais contundente com as diferenças. Ao ingressar na instituição escolar, a criança passa a conviver cotidianamente com pessoas distintas daquelas do seu círculo familiar, depara-se com outras regras, por vezes bem distintas daquelas que até então regiam sua vida. Esse encontro com as diversidades pode ser tanto favorável como desfavorável ao processo de ensino e aprendizagem.

Sabemos que o contato com as diferenças é fundamental não só para o processo de ensino e aprendizagem, mas para o próprio desenvolvimento infantil. Porém, aquilo que a criança traz de seu, de familiar, das suas experiências e realidade não pode ser negligenciado. Desse modo, ainda que seja função da instituição escolar propiciar o encontro e o convívio com as diferenças, é importante também o encontro com algo de familiar. Nessa perspectiva, pensando no chão da escola, quais atitudes e ações favorecem o efetivo acolhimento dos educandos em suas diversidades?

Primeiramente, conhecer a realidade na qual os seus estudantes se inserem. Mesmo que o educador nos primeiros dias de aula não conheça previamente sua turma, há uma realidade da Rede Municipal de Educação que pode ser apreciada.

Ao olharmos para nossa rede, um dos primeiros dados a considerar é predominância de estudantes negros, sobretudo, nos anos do primeiro segmento. De acordo com levantamento realizado pelo questionário da Prova Brasil², em 2015, entre os estudantes do 5º ano, 25% se autodeclararam brancos, ao passo que 55% negros³. Aqui, é válido ressaltar que, à medida que se avança no nível de escolarização, a porcentagem de estudantes negros decai. A explicação para essa alteração está no perfil racial da evasão escolar. A fim de melhor compreender essa problemática, cabe estender nosso olhar para a realidade nacional.

² Disponível em: <http://qedu.org.br/cidade/2801-rio-de-janeiro/pessoas>

³ Seguimos o critério do IBGE para contabilizar o recorte de estudantes negros, ou seja, somamos a porcentagem daqueles que se autodeclararam pretos e pardos.

UNIDADE 1 – 02/02/2018

O Brasil possui a terceira maior taxa de abandono escolar entre os cem países com maior IDH (um a cada quatro estudantes que inicia o Ensino Fundamental abandona a escola antes de completar o último ano). E, nesse quadro de evasão, os mais excluídos são os negros. A maior taxa de evasão escolar está na adolescência e, apesar de a pobreza e a violência criarem cenários propícios para o abandono, nenhum desses aspectos foi apontado pelos próprios estudantes como o principal causador. Entre os 15 e os 17 anos, 40% dos estudantes deixam de estudar por considerarem a escola desinteressante (Gonçalves, 2014). Na concepção de Gonçalves (2014), não somente as vulnerabilidades sociais, mas inclusive a discriminação racial e a falta de diálogo com a cultura negra colaboram diretamente para evasão dos jovens negros⁴.

Além da questão racial, há outras variáveis presentes na Rede Municipal de Ensino que necessitam ser consideradas no processo de acolhimento. E, a maioria delas, professores e professoras são capazes de identificar olhando para sua escola de atuação. Por exemplo, qual a localidade de residência dos educandos? O que eles fazem quando não estão na escola? Há estudantes com algum tipo de deficiência?

Com base nesses e em outros dados, devemos nos perguntar qual será o sentimento dos estudantes ao pisar na escola nos primeiros dias de aula. Conseguirão reconhecer na pluralidade inaugurada pelo ambiente escolar algo de si mesmos? Quem são os personagens das histórias contadas, são apenas brancos ou há personagens negros e indígenas? Há alguma história atraente na qual o personagem principal é criança com algum tipo de deficiência? E naqueles cartazes lindos nas paredes das escolas, as figuras humanas retratam minimamente o fenótipo dos educandos?

Para concluir, tendo em vista que o fazer da escola envolve o complexo processo da formação humana, o qual não se restringe a questões intelectuais, mas envolve também emoções, representações e valores, reiteramos a importância de se incluir a questão das diversidades no planejamento do acolhimento ao estudante.

⁴ Lembrando que, a favor do debate das questões étnico-raciais no âmbito escolar, temos as leis 10.639, de 2003, e 11.645, de 2008. A primeira tornou obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira nos currículos escolares da educação básica das instituições oficiais e particulares, e a segunda ampliou a obrigatoriedade para a história e cultura dos povos indígenas.

UNIDADE 1 – 02/02/2018

Referências Bibliográficas

Brasil (2003). *Lei 10.639*. Incluindo o ensino sobre a “história e a cultura afro-brasileira” no currículo oficial da rede de ensino nacional. Diário oficial da União, Brasília.

Brasil (2008). *Lei 11.645*. Incluindo o ensino sobre a “história e a cultura afro-brasileira e indígena” no currículo oficial da rede de ensino nacional. Diário oficial da União, Brasília.

Freud, S. (1905/1996). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, V. VII.

Gomes, N. L. (2005). *Educação e relações raciais: refletindo sobre algumas estratégias de atuação*. In: Munanga, K. (org.). *Superando o Racismo na Escola*. 2. ed. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade: Brasília.

Gonçalves, J. (2014). *O que afasta as crianças e adolescentes negros da escola?* Disponível em: <http://www.geledes.org.br/o-que-afasta-criancas-e-adolescentes-negros-da-escola/> Acesso em 04 de Março de 2016.

Oliveira, E. (2008) *Ensinar com respeito*. Em: INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE. *Efeitos Psicossociais do racismo*. São Paulo, Imprensa Oficial.

Vygotsky, L. S. (1996). *A formação social da mente*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

_____. (1998). *Pensamento e linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA.